

O DIÁLOGO EM MARTIN BUBER

Martin Buber foi um escritor, teólogo e filósofo nascido em Viena, Austria, em 1878. De acordo com seu biógrafo Maurice Friedman (2012), ainda criança, quando seus pais se divorciaram, foi viver com seus avós paternos, Adele e Salomon Buber, na Polônia. Salomon era proprietário de terras, comerciante e um estudioso bastante influente na comunidade hebraica local, grande autoridade da Haskalah, movimento iluminista surgido dentro do judaísmo alemão no século XVIII, que incentivava a integração com a cultura europeia e a valorização da educação secular, assim como do ensino da tradição, da cultura e da língua hebraicas. Por isso, Buber teve uma educação bastante tradicional e, ao mesmo tempo, liberal, dentro da religião judaica. Esta influência o acompanhou por toda a vida.

Aos 14 anos, voltou a morar com o pai em Viena. Nesta época, ainda durante a adolescência, teve contato com as obras de filósofos como Kant e Nietzsche, que influenciaram fortemente sua visão de tempo e eternidade. Entrou para a Universidade de Viena em 1896 para estudar Filosofia e História da Arte, na época em que esta cidade era a capital cultural da Europa. Mais tarde, estudou Filosofia também em Berlim, Psicologia em Leipzig, Sociologia em Zurich e recebeu um título de doutor em Filosofia em Berlim, em 1904, passando a dar aulas na mesma universidade, tornando-se bastante ativo na comunidade judaica e participando do início do movimento sionista, dentro do qual defendia a formação de um estado bi-nacional judeu e árabe. Pouco tempo depois, afastou-se dele, pois tinha várias críticas aos rumos que o movimento passou a tomar. Essa, segundo Von Zuben (2001) é uma das características que Buber manteve durante toda sua vida: rever suas ações e crenças e mudar de ideia se elas não fossem mais coerentes e atualizadas.

Seus diversos temas de estudo mostram que Buber era uma pessoa com interesses amplos e variados. Quando estudava em Zurich, conheceu Paula Winkler, escritora alemã não-judia, com quem se casou e que se tornou uma grande colaboradora em seus estudos. Com a ascensão do nazismo ao poder, Buber, que dava aulas de Religião e Ética Judaicas na Universidade de Zurich,

foi destituído do cargo. Logo em seguida, em 1938, foi convidado a dar aulas na Universidade Hebraica de Jerusalém, onde ensinava Sociologia. Faleceu em Jerusalém, em 1965 (FRIEDMAN, 2012).

Buber é considerado o filósofo do diálogo. Von Zuben (2001) descreve seu pensamento como uma práxis que se embasa na reflexão que influencia a ação e na ação que informa e modifica a reflexão. Portanto, é uma filosofia que propõe um projeto de existência fundamentado no resgate do humano a partir da relação.

Seu trabalho exerce influência sobre várias áreas do conhecimento, como a psiquiatria, a psicologia, a educação, a sociologia, as ciências humanas e a filosofia contemporânea. Influenciou também uma abordagem da psicologia chamada de psicoterapia dialógica, cujo principal expoente é o psicólogo norte-americano Richard Hyckner (1995).

São três as principais facetas que caracterizam sua obra: a forte relação com a religião judaica, especialmente com a tradição hassídica, que traz como principal característica a valorização da comunidade e a conexão com o Outro como modo de acessar o sagrado; a elaboração de uma ontologia da relação como sendo aquilo que nos constitui como pessoas no mundo, ou seja, a relação como constituinte primário do ser; e, com base nessa ontologia, a fundação de uma antropologia do encontro, que traz importantes contribuições não só para a compreensão de como os seres se constituem pessoas, mas também uma nova visão sobre a noção de comunidade (FRIEDMAN, 2012; VON ZUBEN, 2001).

O DIÁLOGO NA VISÃO BUBERIANA

A palavra diálogo, usada corriqueiramente como sinônimo de conversa, define conceitos muito mais complexos do que uma simples troca de palavras, ideias ou informações. Nos campos da filosofia, da psicologia e das ciências sociais, há vários teóricos que se dedicaram e se dedicam a investigar seus vários usos e sentidos, entre eles o filósofo austríaco de origem judaica Martin Buber. Para ele, mais do que uma interação entre pessoas, diálogo refere-se a um paradigma de compreensão de mundo: a lógica dialógica. Contrapondo-se a uma visão dualista, binária e separatista, que ainda prevalece no âmbito da

filosofia e das ciências, especialmente derivada da tradição cartesiana, que nos coloca como indivíduos separados uns dos outros, do mundo e da natureza, a filosofia buberiana propõe uma compreensão de mundo que localiza a relação como fundamento ontológico do humano. Buber afirma que “No começo é a relação” (2001, p.63). Em contraste com a lógica herdada de Hegel e adotada por diversos autores da sociologia e da antropologia para explicar de que forma se dá a socialização dos seres humanos, que consideram que a relação nasce à partir da interação entre indivíduos, na visão buberiana a relação é primária: não surge da interação, mas dá origem a ela. Portanto, segundo ele, nós só tornamos pessoas em relação (METCALF; GAME, 2012).

Para Buber (1982), a linguagem é o campo que propicia essa relação, sendo que a própria comunicação é algo que é construído no encontro, no diálogo. Sendo assim, não há uma correspondência a priori entre signos e significados. Ou seja, em seu modo de ver, não há uma verdade transcendente à qual podemos acessar. A verdade é imanente, descoberta em relação, os sentidos são elaborados conjuntamente e compartilhados: *“Nós não encontramos o sentido nas coisas, também não o colocamos dentro das coisas, mas entre nós e as coisas ele pode acontecer”* (ibid., p.72, itálico nosso).

É importante atentarmos para o fato de que, na concepção buberiana, a comunicação não precisa necessariamente de palavras emitidas para ocorrer:

Assim como o mais ardoroso falar de um para o outro não constitui uma conversação (...), por sua vez, uma conversação não necessita de som algum, nem sequer de um gesto. A linguagem pode renunciar a toda mediação de sentidos e ainda assim é linguagem” (BUBER, 1982, p.35)

Ela principia naquilo que o filósofo chama de “ausência de reserva”, ou seja, a predisposição para uma postura dialógica que é, para ele, o destino autêntico de toda pessoa:

Sem reservas, a comunicação jorra do seu interior e o silêncio a leva ao seu vizinho, para quem ela era destinada e que a recebe sem reservas, como recebe todo o destino autêntico que vem ao seu encontro” (BUBER, 1982, p.36).

Assim, a comunicação, para Buber (1982), não é a ação deliberada que envolve apenas o processo de decifração de signos e significados, mas é o

próprio campo relacional no qual, como existentes no mundo, estamos inseridos. Um campo de afetabilidades que não depende de palavras, pois se processa mesmo no silêncio, e que implica na abertura para a alteridade radical do outro que coabita o mundo conosco, seja esse outro ser humano, outros viventes não-humanos ou mesmo entes da natureza.

A linguagem não é abstração, metáfora, mas o próprio dizer da vida. É pela pronúncia da palavra-princípio Eu-Tu que nos constituímos humanos. “Viver significa ser alvo da palavra dirigida; nós só precisaríamos tornar-nos presentes, só precisaríamos perceber. Mas o risco é por demais perigoso” (BUBER, 1982, p.43). E qual é esse risco? Nada menos do que nos transformarmos nessa relação, nos ressubjetivando, à medida em que entramos em contato com o outro com quem estamos em diálogo.

Ainda que a raiz grega da palavra diálogo pareça indicar uma troca entre dois termos (*di-* =dois; *logos*= pensamento, razão), sendo essa uma leitura prevalecente no senso comum, cabe notar que o prefixo da palavra, na realidade, é *dia-*, que significa *através*. Assim, segundo Metcalf e Game (2012), o diálogo autêntico é um processo de construção conjunta de sentidos que se dá através de seus participantes e que não é produzido nem por um dos lados, nem pelo outro, mas pelo encontro dos dois. Nas palavras do próprio Buber,

Conheço três espécies de diálogo: o autêntico – não importa se falado ou silencioso – onde cada um dos participantes tem de fato em mente o outro ou os outros na sua presença e no seu modo de ser e a eles se volta com a intenção de estabelecer entre eles e si próprio uma reciprocidade viva; o diálogo técnico, que é movido unicamente pela necessidade de um entendimento objetivo; e o monólogo disfarçado de diálogo, onde dois ou mais homens, reunidos num local, falam, cada um consigo mesmo, por caminhos tortuosos estranhamente entrelaçados e creem ter escapado, contudo, ao tormento de ter que contar apenas com os próprios recursos” (1982, p.53-54).

A partir dessa proposta de ontologia da relação, ele funda uma antropologia do encontro inter-humano, encontro este que nomeia como “esfera da vida com os homens” (idem, 2001, p.13). O inter-humano é uma dimensão particular da existência, uma categoria própria que descreve as relações, como o nome aponta, entre as pessoas, como faz a sociologia, mas partindo de uma outra noção, a noção de interexistência, enquanto que a primeira parte da noção de

coexistência, com privilégio do elemento coletivo sobre as relações pessoais (idem, 1982). Segundo Buber

Podemos falar de fenômenos sociais sempre que a coexistência de uma multiplicidade de homens, o vínculo que os une um-ao-outro, tem como consequência experiências e reações em comum. Mas este vínculo significa apenas que todas as existências individuais são delimitadas por uma existência de grupo e nela contidas; ele não significa que entre um e outro membro do grupo exista qualquer espécie de relação pessoal (ibid., p. 136).

Por outro lado, “A esfera do inter-humano é aquela do face a face, do um-ao-outro; é o seu desdobramento que chamamos de dialógico” (idem, ibid, p.138). A abertura para a vivência do inter-humano, para o mistério do outro, é abertura para um modo de existir outro, não exatamente uma escolha deliberada, mas uma adesão a uma outra forma de ser-no-mundo na qual a dimensão do “entre nós” é fundante.

Para compreender melhor sua visão, é importante frisarmos que, para o autor, o espaço “entre” dois seres humanos que coexistem não é um intermediário, um agente de mediação, mas o *locus* de uma ação recíproca que se revela como dia-logo (VON ZUBEN, 2008).

BUBER E A ANTROPOLOGIA DO ENCONTRO

A antropologia do encontro buberiana concebe a vida como sendo constituída de encontros que acontecem na dinâmica entre duas atitudes: a atitude Eu-Isso e a Eu-Tu. Mais do que atitudes, podemos considerá-las “modos de presença” (VON ZUBEN, 2001, p.36) ou formas de estar-no-mundo. Buber (2001) as nomeia de “palavras-princípio”, por se tratarem não de palavras isoladas, mas de uma combinação de palavras que define modos distintos de existir. Para ele, “o Eu da palavra-princípio Eu-Tu é diferente daquele da palavra-princípio Eu-Isso” (BUBER, ibid., p.53). Vejamos por quê.

O primeiro destes termos é o que ele denomina Eu-Tu, interação na qual duas consciências coparticipam do mundo e se encontram. É esse encontro, segundo ele, que ocorre uma verdadeira relação. É apenas a relação Eu-Tu que oferece possibilidades de realização humana a ambos os envolvidos. De acordo com Von Zuben,

O Eu se torna Eu em virtude do Tu. Isto não significa que devo a ele o meu lugar. Eu lhe devo a minha relação a ele. Ele é meu Tu somente na relação, pois, fora dela, ele não existe, assim como o Eu não existe senão na relação (2001, p. 34).

A relação genuína Eu-Tu fundamenta-se em uma postura dialógica, na qual não existe uma exigência de concordância total, mas sim uma atitude de aceitação e compartilhamento. Para Buber (1982), o diálogo autêntico é sinônimo de encontro e a relação Eu-Tu é direta, ou seja, o encontro é imediato e não pode ser deliberadamente produzido. O que o Eu faz é abrir-se para a relação, sem garantias de que ela irá ocorrer.

A lógica dialógica não nega a diferença, nem afirma a igualdade, mas as inclui em um outro nexos espaço-temporal, uma lógica relacional, na qual o que irá se produzir é misterioso, "*obra da graça*", nas palavras de Buber (2001, p.59). De acordo com Metcalf e Game (2012), toda tentativa de produzir diálogo é alienante, pois não está presente para a realidade do processo; ao invés disso, projeta um futuro no qual o diálogo desejado se realizaria, e "o diálogo só pode ocorrer no presente não-linear" (id. Ibid. p.361). É obra da graça porque, de acordo com Woo (2012), está fora não apenas do controle do Eu, mas também fora do controle do Tu, sendo um acontecimento inefável, ou seja, impossível de ser descrito ou compreendido de forma objetiva, pois é da ordem do "espírito": o sopro divino compartilhado entre Eu e Tu que configura a esfera do entre-dois e modifica a ambos que nela adentram. Então, é pela força da relação que os seres humanos podem viver em conexão com o espírito.

Neste ponto, é fundamental lembrar, como nos aponta Von Zuben (2008), que o pensamento dialógico de Buber se desenvolveu no contexto de suas reflexões ligadas ao misticismo, particularmente ao judaísmo hassídico. Críticos da obra de Buber denunciam uma certa ingenuidade nas suas ideias, ou mesmo uma visão de caráter religioso (WOO, 2012), que o afastaria do rigor filosófico necessário para que seu trabalho possa ser considerado relevante fora do âmbito da teologia. Em contraponto a estas críticas, pode ser útil relacionarmos o divino ao qual Buber se refere à noção de Deus como Natureza de Espinoza. É um divino diverso da tradição cristã, pois é imanente, vivenciado

como acontecimento; um Deus que é a própria vida se desdobrando em multiplicidade e potência.

O segundo termo cunhado por Buber (2001), a palavra-princípio Eu-Isso, define a interação na qual existe um relacionamento de utilidade, para a qual Isso é objeto de conhecimento e de experiência; é objeto, portanto, do conhecimento de uma consciência expressa pelo Eu. Eu-Isso refere-se, portanto, ao mundo das categorizações e das identidades. É a forma pela qual, através da intencionalidade, se torna possível conhecer o mundo e seus objetos e lidar com eles, a forma através da qual aprendemos. Todas as vezes em que falamos de observar, compreender, estudar, conhecer, estamos nos referindo a um Isso, mesmo que seja um outro ser humano, quando com ele estabelecemos relações de utilidade e instrumentalização, como, por exemplo, em relações de trabalho ou mesmo nas relações afetivas e amorosas. Buber (ibid.) considera que a experiência nos afasta do encontro e que uma relação genuína só pode ocorrer entre Eu-Tu.

Essa modalidade de relacionamento, que se pauta na reificação, é a experiência mais presente e comum no nosso dia-a-dia. Woo (2012) afirma que, na atividade de contemplação e observação dos objetos e entes na vida cotidiana, estes se tornam, como propõe a fenomenologia, objetos para a nossa consciência, ativando nossos sentimentos e nossas reações e comportamentos. Permanecem, portanto, para Buber (2001) na esfera do Eu-Isso, localizada no tempo e no espaço.

É importante pontuar que nenhuma das duas modalidades é considerada superior ou mais adequada do que a outra; elas são apenas diferentes no que se refere aos efeitos causados no mundo e nas relações. Na realidade, ambas se complementam, sendo aspectos de uma mesma lógica, a lógica relacional, dialógica.

De acordo com Buber, não é possível prescindirmos dos relacionamentos Eu-Isso no mundo cotidiano. Ele se refere, inclusive, ao que chama de “fatalidade do fenômeno da relação” (2001, p.77). Ou seja, quanto mais o fenômeno relacional se impõe, exigindo uma resposta (seja a intenção de

conhecê-lo, seja a nostalgia causada pela fugacidade dos encontros), mas ele transforma o Tu num Isso. Porém, diz Buber (1982, 2001) que o destino do ser é se transformar continuamente, voltando a ser Tu. Portanto, é a presença constante do Tu, como espírito que paira como possibilidade e potência, que anima a vida e permite que ela se preencha de sentido. Como humanos, oferecemo-nos ao encontro, que decorre de vontade e graça. Von Zuben afirma ainda que

Quando a decisão vital do homem percebe o sopro do espírito entre ele e o parceiro da relação, acontece a conversão, advém a resposta, surge o Tu. Não existe nenhum meio ou conteúdo, nenhum interesse interposto nesta doação do Tu e na aceitação do Eu. À doação gratuita do Tu, o Eu responde pela aceitação imediata. Então, na presença, na proximidade que une os semelhantes, o Eu, pessoa, encontra o Tu (2001, p.38).

A perspectiva dialógica de Buber não nos permite apenas conhecer as formas pelas quais as pessoas se relacionam entre si, mas também como conhecemos e nos relacionamos com o mundo, seus entes - vivos ou não - e seus fenômenos. Assim, o outro é compreendido não só como os outros seres humanos, mas também como a totalidade da realidade que nos circunda, na forma dos seres concretos, das ideias, da arte, da natureza (METCALF;GAME, 2012; VON ZUBEN, 2008). Para ele, o que nos move a conhecer é a relação Eu-Tu como possibilidade e participação no mundo.

Von Zuben (2008) declara que Eu e Tu é uma obra complexa, repleta de expressões enigmáticas, escrita em uma linguagem poética bastante afeita a um certo misticismo, que se abre a inúmeras interpretações dos seus leitores, a partir de seus próprios horizontes referenciais. Assim, cada leitor compreenderá as mensagens lá presentes na sua linguagem. Para este autor, Buber busca transmitir uma intuição obtida através de suas intensas vivências de Eu-Tu, ao mesmo tempo admitindo que essa é uma tarefa impossível, contando com a imaginação do leitor para acessar sua obra.

A lógica dialógica, relacional, proposta por Buber, é baseada não na diferença como oposto de semelhança, mas na primazia da relação, na qual ambos os polos estão contidos um no outro. É uma lógica inclusiva, que

pressupõe uma qualidade mutuamente engajada, uma não-oposição, uma relação de complementaridade. Portanto, para ele, Eu-Tu e Eu-Isso não são oposições binárias, mas formas que desabrocham uma na outra. A singularidade é encontrada pelo Eu ao ser parte de uma relação, e não ao retirar-se desta. No diálogo, lá e cá são o mesmo espaço implicado, ecológico, no qual não existe uma sequência temporal ou uma distância que separa as partes. A relação acontece sempre e somente no agora, como acontecimento (METCALF; GAME, 2012).

Da mesma forma, a conversação genuína não pressupõe concordância, mas aceitação e confirmação do outro como tal, diverso de mim. Também inclui opiniões e modos de ver divergentes, porém, essa inclusão não consiste em condescendência ou rendição frente aos argumentos alheios, aponta Buber, mas num diálogo no qual

Aquele que fala (...) não somente percebe a pessoa que lhe está assim presente, ele a aceita como seu parceiro, e isto significa: ele confirma este outro ser na medida em que lhe cabe confirmar. O verdadeiro voltar do seu ser para o outro ser inclui esta confirmação e esta aceitação. Naturalmente tal confirmação não significa ainda, de forma alguma, uma aprovação; mas, no que quer que seja que eu seja contrário ao outro, eu disse Sim a sua pessoa, aceitando-a como parceiro de uma conversação genuína” (1982, p 154).

Talvez eu precise, a cada vez, com toda a severidade, contrapor a minha opinião à sua opinião sobre o objeto de nossa conversação; não se trata aqui, de forma alguma, de um afrouxamento de convicções, mas esta pessoa, portadora da convicção no seu caráter de pessoa, eu a aceito nesta maneira de ser no qual se desenvolveu sua convicção, precisamente a convicção na qual eu talvez tenha de tentar mostrar ponto por ponto o que ela tem de errado. Eu digo sim à pessoa com quem luto, luto com ela como seu parceiro, a confirmo como criatura e como criação, confirmo também o que está face a mim naquilo que se me contrapõe. Certamente depende dele agora que surja entre nós uma conversação genuína, a reciprocidade tornada linguagem” (ibid., p. 146).

Sua proposta filosófica, portanto, inaugura uma modalidade relacional que se baseia na franqueza e autenticidade do ser, na qual é necessário ter o outro em mente como diverso e, ao mesmo tempo, semelhante, como ser vivente com o qual se compartilha a existência.

Assim, o diálogo genuíno não busca necessariamente a concordância ou o consenso, mas visa criar esse espaço de existência compartilhada no qual é

possível discordar, é possível e aceitável apresentar-se como alguém diverso e ser confirmado por isso, pois é através do acesso a essa dimensão relacional ontológica, como campo no qual o humano se constitui como pessoa, que se estabelece uma autêntica relação Eu e Tu.

A libertação da vontade de parecer e de ter razão, o acolhimento das formas diversas de existir generosamente apresentadas pelo outro, produzem fecundidade e criatividade: no encontro entre seres autênticos a palavra nasce e, com ela, a possibilidade do surgimento de mundos outros, mais alinhados com o cuidado mútuo e a possibilidade de uma vida plena mais plena.

Conclusão

A obra de Martin Buber oferece uma outra forma, talvez bastante inusitada para a mente ocidental moderna, de compreender de que modo, nós, humanos, nos relacionamos entre nós, com os outros seres da natureza – vivos e não-vivos – com a cultura e suas manifestações, com a sociedade como um todo. A partir dessa compreensão, propõe uma prática que é, também, uma nova forma de ser e estar no mundo. A visão do humano como ser que se constitui em relação, através do diálogo, e a ideia de que essa é a forma mais alinhada com a Vida como manifestação de potência e plenitude, nos proporcionam acessar um modo de apreensão dos fenômenos que caracterizam a existência humana no mundo que oferece um desafio e um alento.

O desafio proposto por Buber constitui em nos libertarmos dos pressupostos clássicos que informam nossa maneira de interagir com o mundo que nos circunda, baseados na lógica binária, separatista, que busca uma pretensa igualdade entre os seres humanos baseada na reafirmação de nossas diferenças. Sua filosofia postula substituí-los pela consciência de que não há separação, de que somos todas e todos manifestações de um mesmo espírito e que, portanto, essa igualdade já está presente como realidade ontológica, assim como a singularidade que nos torna únicos e exclusivos em nossas existências. Ambos os polos estão incluídos no mesmo todo, configurando a “esfera do entre-dois”, este *locus* de relação no qual o encontro autêntico, genuíno, é sempre uma promessa e uma possibilidade.

Conhecer a obra de Martin Buber é bastante relevante não só para o campo da filosofia e da religião, mas também para as ciências sociais e ambientais, como forma de compreender e propor alternativas éticas e políticas para uma vida mais justa, digna e livre para todas as pessoas e seres e para o próprio planeta; para a psicologia e seus desdobramentos terapêuticos, na compreensão do humano como ser ecológico, implicado no mundo e que se constitui como pessoa nas relações; para a pedagogia, através da noção de que o aprendizado se dá à partir da implicação na realidade que nos circunda e da abertura para o diálogo com ela, num profundo amor pela vida e todas as suas manifestações; e para todos aqueles que buscam uma atuação no mundo capaz de transformar a realidade.

Referências

BUBER, Martin. **Do Diálogo e Do Dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982

_____ **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

FRIEDMAN, Maurice. **Encounter on the Narrow Ridge**: a life of Martin Buber. St. Paul: Paragon House, 2012.

HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa**: psicoterapia dialógica. São Paulo: Summus, 1995.

METCALF, Andrew; GAME, Ann. 'In the Beginning is Relation': Martin Buber's Alternative to Binary Oppositions. **Sophia**, 2012, v.51, n.3, p.351-363.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. Introdução. In: BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001. p. 9-51.

_____ A Questão do Inter-Humano: uma releitura de Eu e Tu de Martin Buber. **Síntese**, Belo Horizonte, v.35, n.111, 2008, p.87-110.

WOO, Jeong-Gi. "Inclusion" in Martin Buber's dialogue pedagogy. **Z Erziehungswiss**, Wiesbaden, 2012, v.15, n.4, p.829-845.

Sobre a autora

Maria Angélica de Melo Rente, Mestranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social no Programa EICOS do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na linha de pesquisa sobre Psicossociologia da Saúde e Comunidades, sob orientação de Emerson Elias Mehry. Integrante do grupo de pesquisa em Micropolítica, Cuidado e Saúde Coletiva da mesma Universidade. É psicóloga (Universidade São Marcos, SP), Gestalt-terapeuta, arte-educadora com aperfeiçoamento em Arte e Cultura Contemporâneas (ECA-USP) e arquiteta e urbanista (Faculdade de Belas Artes de São Paulo). Pesquisadora-aprendiz de Comunicação Não-Violenta e Práticas Restaurativas desde 2013, quando iniciou investigações nesta área sob a orientação e na companhia de Dominic Barter. Iniciadora dos projetos Rodas de Empatia (2014) e Círculos de Cuidado Compartilhado (2017). Autora do blog Ação Transformativa.